

Europeus se chocam com

Economia

domingo, 2/4/89 □ 1º caderno □ 25

americanos sobre plano Brady

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — Os ministros das Finanças dos países europeus fizeram importantes restrições ao plano Brady de redução da dívida do Terceiro Mundo, ao se reunirem aqui às vésperas das deliberações semi-anuais do Fundo Monetário International e do Banco Mundial. O principal ponto de divergência é a utilização dos recursos dessas duas instituições multilaterais para dar garantias aos bancos comerciais de que os países devedores vão pagar as dívidas depois de renegociadas e reduzidas, como parte do novo esquema. Os ministros do Grupo dos 24, que reúne países em desenvolvimento, discutiram um documento que será divulgado hoje, dando as boas-vindas ao plano Brady, mas acentuando que é preciso alcançar com urgência uma substancial redução da dívida externa.

Paralelamente a essas reuniões de ministros das Finanças, que se realizam no âmbito do FMI e do Bird, o presidente George Bush tomou o café da manhã com o presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, no que acabou sendo uma reunião de trabalho com a participação das principais figuras do governo americano.

Logo ao desembocar em Washington, o ministro da Alemanha Federal, Gerhard Stoltenberg, declarou que seu país não concorda com a proposta americana de que deva ser criado um pool de contribuições financeiras de nações industrializadas, que funcione como uma espécie de "janela assistencial", paralelamente ao FMI e ao Bird, para dar garantias aos bancos comerciais de que os países endividados pagariam a dívida reduzida. Esse aval, sugerido no Plano Brady, é fundamental para incentivar os bancos comerciais a perdoarem vo-

luntariamente parte da dívida dos países do Terceiro Mundo: eles assumiriam certo prejuízo, mas em troca da garantia de que se os países pobres não pagarem alguém pagará.

"Nós faremos nossa contribuição (ao plano de redução da dívida) somente dentro da estrutura das instituições", disse. O ministro holandês, Ono Rüding, também deixou clara outra divergência dos europeus em relação à proposta americana. Neste caso, refere-se ao plano de que seja formado um fundo especial para dar garantias aos bancos comerciais de que eles vão receber os juros da dívida renegociada e reduzida. Ele disse que seu país está de acordo em contribuir para a redução do principal, mas não se dispõe a dar nenhum dinheiro extra para garantir que os bancos vão receber o serviço da nova dívida. "Não sei como isso poderia ser feito. De todas as maneiras, seria necessária uma soma impressionante para dar essa garantia até o pagamento total da dívida", disse Rüding. Sobre a possibilidade de uma garantia limitada a um ou dois anos, o ministro disse que "talvez isso seja possível", mas acrescentou: "Seria pouco e talvez não valesse a pena."

■ O ministro Mailson da Nóbrega, que veio participar das reuniões do FMI e do Banco Mundial, se encontrou ontem com o diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, e com o presidente do Bird, Barber Conable. "São apenas visitas de cortesia", disse Mailson ao chegar ao prédio do FMI. O ministro participou ontem da reunião do Grupo dos 24, que discutiu um documento que será encaminhado hoje ao Comitê Interno do FMI e ao Comitê de Desenvolvimento do Banco Mundial.